

Montadoras estão à beira de onda de cortes

As montadoras chegaram no limite. A queda de até 20% nas vendas nos meses de 2002, em comparação a 2001, agravada em maio e junho pela instabilidade econômica e as incertezas do consumidor, está levando empresas como Volkswagen, General Motors (GM) e Ford a paralisarem a produção com férias coletivas ou medidas semelhantes.

Na Volkswagen, o clima é de total incerteza. Os 15,2 mil funcionários da unidade Anchieta, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, não trabalharam de 4 a 9 de julho devido à falta de encomendas. Medidas mais radicais, como a semana de trabalho de quatro dias, serão adotadas em agosto. Os estoques de veículos da montadora são enormes. Na unidade Anchieta há 27 mil automóveis parados nos pátios. Já na fábrica de Taubaté, no interior paulista, existem 15 mil veículos sem compradores. O estoque normal naquela unidade seria de 5.000 unidades.

Algumas montadoras já iniciaram alguns cortes. Na unidade da GM em São Caetano do Sul, no ABC paulista, 207 empregados do setor de engenharia foram dispensados no dia 5 de junho. Ou seja, a área mais importante da fábrica, responsável pela elaboração de novos projetos, teve o pessoal reduzido. Além disso, um programa de demissões voluntárias eliminou 703 vagas nas unidades de São José dos Campos, no interior paulista, e de São Caetano, diminuindo o número de empregados de 8.300 para 7.800 nesse ano. A GM também dará férias coletivas para os funcionários de 29 de julho a 7 ou 9 de agosto, dependendo da linha de produção. Apenas a fábrica de Gravataí (RS) escapou da decisão.

A Scania, em São Bernardo do Campo, teve de reduzir sua produção de uma média de 45 unidades por dia para 22. A empresa já teve de reduzir em janeiro a jornada de trabalho para quatro dias. Demitiu 160 dos cerca de 2.300 metalúrgicos com um programa de voluntariado. Agora, mais 70 trabalhadores serão dispensados por causa da queda nas encomendas. Além dos problemas específicos do setor, a produção de caminhões foi afetada pela desaceleração da economia.

Corte de produção chega a 70%

A crise no mercado interno levou as montadoras a ajustarem a produção, diminuindo a fabricação de veículos em até 70% neste mês em relação a junho.

A Volkswagen produziu cerca de mil veículos/dia em junho na unidade Anchieta. Em maio, a média era 1.400, segundo a comissão de fábrica. A queda deve ser ainda maior em agosto, quando a montadora adotará quatro semanas com jornada de quatro dias nas unidades do ABC paulista e de Taubaté. No interior, a estimativa é que 1.050 carros (Gol e Parati) deixem de ser fabricados por semana, segundo o sindicato dos metalúrgicos de Taubaté e região.

Na unidade da General Motors em São Caetano, a produção vai cair de 38 para 28 carros/hora a partir de amanhã. Em agosto, deve passar para 18 carros/hora. Na fábrica da GM de São José dos Campos, a produção da picape S10, hoje em 160 unidades/dia, deve cair para zero, por causa das férias coletivas. Nas linhas do Corsa e Zafira, a produção será reduzida pela metade, segundo o sindicato dos metalúrgicos. "Há 600 trabalhadores temporários que podem ser demitidos após o período das férias coletivas em agosto", diz o presidente do sindicato, Luiz Carlos Prates.

Na unidade da DaimlerChrysler de São Bernardo do Campo, a situação difícil foi parcialmente contornada com folgas durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo. Mas a empresa já anunciou que pretende cortar 700 funcionários dentro de um programa de reestruturação da fábrica. O enxugamento está em estudo e em negociação com representantes dos trabalhadores.

Na Fiat, em Minas Gerais, a crise começou mais cedo. "Cerca de mil funcionários entraram em férias coletivas em junho. A montadora está com estoque para 28 dias, enquanto a média é para 15", diz Marcelino da Rocha, do sindicato dos metalúrgicos.

Número de veículos parados nas concessionárias está 30% acima do habitual

As concessionárias de veículos devem ser um dos elos da cadeia automotiva a sofrer demissões em breve. As vendas de junho em relação a maio caíram 12,11%, contra a retração de 6,5% registrada pelas montadoras.

Cerca de 85 mil automóveis estão parados nos estoques das 4.200 revendas do país, o equivalente a 26 dias de vendas. "Se os negócios estivessem em ritmo normal, o estoque deveria corresponder a 20 dias de vendas", diz Hugo Maia, presidente da Fenabrave (Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores).

Caso as concessionárias tivessem aceito neste ano a tradicional política das montadoras de desova de veículos nas revendas, os estoques seriam bem maiores.

"Nos últimos meses, nos recusamos a aceitar um grande excesso de automóveis das montadoras devido à atual crise".

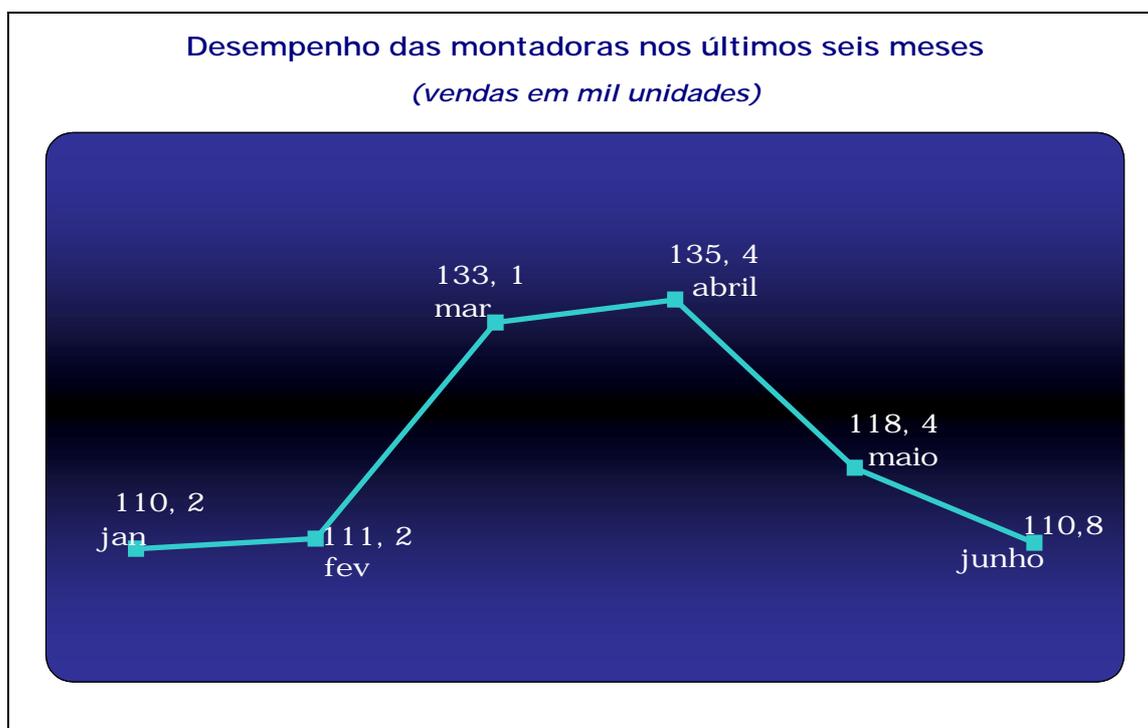
Maia considera inevitável a demissão nas revendas nos próximos meses. "Existem duas condições essenciais para que ocorram vendas de veículos. Confiança do consumidor e condições de compra. Nenhuma delas existe hoje".

O empresário lembra que atualmente só existem fatores que afugentam os consumidores das revendas. O dólar está instável, existe uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) averiguando corrupção na prefeitura de Santo André e certas declarações de candidatos à Presidência da República inquietam o mercado.

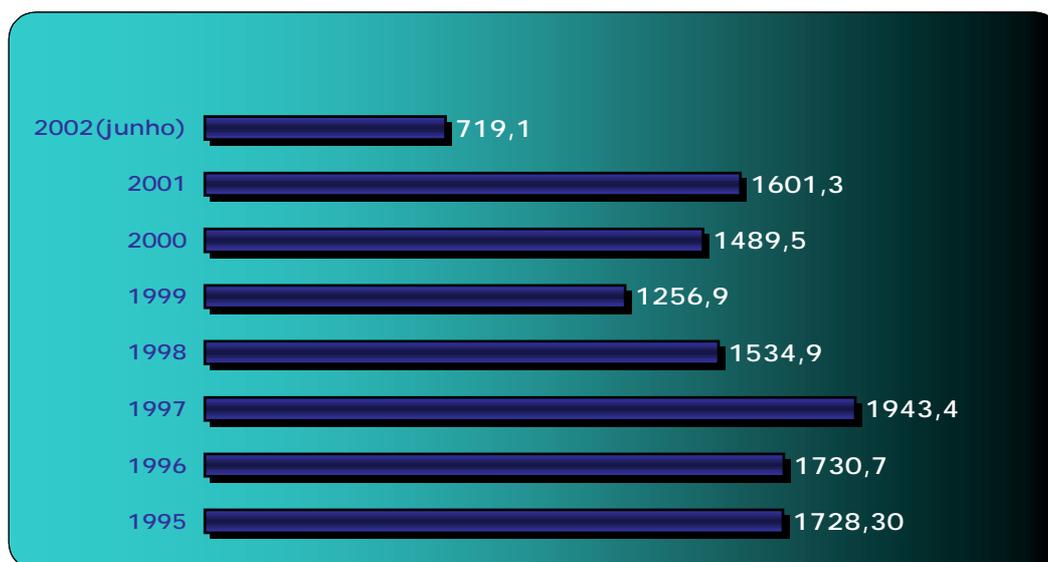
Além disso, as taxas de juros para o financiamento de veículos estão em torno de 3% ao mês, quando há oito meses eram de 1,5% em média. "O motivo da alta é o crescimento da inadimplência. Os bancos decidiram aumentar as taxas para compensar os prejuízos provocados pelos consumidores que não pagam".

Diante desse quadro todo, Maia prevê a demissão de parte dos 220 mil trabalhadores das concessionárias nos próximos meses. "Não sei quando a atual situação será revertida. Nem a vitória do Brasil na Copa do Mundo conseguiu atrair os consumidores para as revendas".

Ele não sabe nem se o cenário do setor irá melhorar após as eleições de outubro.



Vendas nos últimos 8 anos



Acordos automotivos

Ricardo Carvalho, presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Veículos Automotores), diz estar mais otimista. Segundo ele, os acordos automotivos fechados nos últimos dias entre o Brasil e o México e o Chile permitirão um incremento nas exportações. "Antes a alíquota de exportação de veículos para o México era de 25%. Nos próximos 12 meses cairão para 1,1% e depois para zero".

A Anfavea estima que 700 mil veículos devem ser exportados para o México e Chile nos próximos cinco anos. Segundo Carvalho, começa a haver também um início de reação nas vendas internas. As promoções nas revendas poderão ajudar o setor.

Sindicato volta a propor a "renovar frota"

A renovação e a reciclagem da frota de veículos é apontada pelos sindicalistas como uma das medidas mais urgentes para ajudar a resolver a atual crise do setor automotivo no país. A proposta foi apresentada pelos metalúrgicos do ABC há dois anos mas o governo engavetou o projeto.

A proposta consiste em estimular a troca de veículos com mais de 15 anos de uso por carros mais novos. O consumidor receberia um bônus para fazer a troca. O incentivo seria em parte bancado pelas indústrias, que facilitariam os financiamentos e reduziriam suas margens de lucro. E em parte pelo governo, que diminuiria os impostos cobrados. Da frota brasileira em circulação de 20 milhões de veículos, cerca de 9 milhões têm mais de 10 anos, e 6 milhões acima de 15 anos.

O sindicato também defende políticas de incentivo para aumentar a produção, as vendas internas e as exportações. O que permitiria gerar 68 mil empregos em quatro anos. (FSP, 14/07/02)